



## **Design como formador de opinião: uma breve discussão entre a construção social de gênero e a estética.**

SIQUEIRA, Leonardo; Graduando em Design Gráfico; Universidade Federal de Pelotas

[csleonardo@hotmail.com](mailto:csleonardo@hotmail.com)

Orientadora: BORDINI, Andreia; Doutora pela Universidade Federal de Viçosa (2007); Universidade Federal de Pelotas

[bordinibrito@gmail.com](mailto:bordinibrito@gmail.com)

Palavras-Chave: Estética, Construção Social, Design Social, Gênero.

Resumo: Este artigo busca a discussão do design como formador de opinião, entendendo a profissão designer como uma potente ferramenta social. A partir de revisões bibliográficas, buscou-se investigar a estética no meio social como uma importante forma de comunicação. Nesta problemática, abordou-se a construção social do indivíduo, dentro de um recorte de gênero. A discussão persiste no entender a formação de identidades no aspecto de gênero, a importância da estética nesse processo e como a estética individual interage com o seu meio (sociedade). Assim sendo, busca-se subsídios teóricos para uma aplicação de design, para elaborar/solucionar visualmente um material conscientizador e instrucional acerca do tema. Ressalta-se também que este é um recorte de uma pesquisa já em andamento e será apresentada uma discussão breve do tema, que continua sendo pesquisado paralelamente.

## Introdução

Em meio às mudanças sociais nos últimos séculos, percebe-se grandes modificações comportamentais nos indivíduos, principalmente dos mais jovens. A sociedade cada vez apresenta resistências importantes em confronto com os poderes do Estado. Dentre essas resistências, encontramos os movimentos sociais, que buscam defender os interesses de um grupo específico ou prioritário. Neste artigo, irá se defender principalmente os interesses da comunidade *lgbtt* (compreendida de pessoas com as mais diversas sexualidades, identidades e expressões de gênero e não deve mais ser lida como restrita às pessoas homossexuais, bissexuais, transgêneras e travestis) e das teorias de gênero e performatividade. Tendo isto em vista, se transcreverá um discurso baseado em teorias da ética, do gênero, do design e da sociedade, para, a partir daí, elaborar uma peça de design em resultado a pesquisa realizada.

Tendo em vista que a academia é um espaço de formação de opinião, é importante o debate de temas silenciados na sociedade. O debate de gênero vem cada vez mais tomando forças nas mais diversas esferas sociais, mas precisa-se reforçar a importância desse debate como ciência, com princípio acadêmico. Nesta perspectiva, este artigo se justifica na intenção de dar visibilidade às questões de gênero. A atuação de um designer gráfico é específica, se dotando das experiências prévias de seu público-alvo, da estética e da informação. Isto quer dizer que ele vai comunicar e informar um determinado grupo social a partir do seu olhar social e seu repertório visual - mesmo que inconscientemente. Dentre os aspectos acima, não se pode ignorar o quadro político atual do Brasil, principalmente às grandes perdas de direitos que o país vivencia. Essa resistência que este impõe é uma maneira de dar voz a sociedade silenciada e gozar dos privilégios que a academia provém, uma vez que o conhecimento propagado pelas instituições de ensino públicas devem um retorno a sociedade, que as mantém.

Em termos de metodologia, este artigo dotou-se da revisão bibliográfica e da pesquisa qualitativa exploratória. A revisão bibliográfica dará um suporte para a pesquisa, justificando aplicações e também possibilitando a observação técnica para análise. Já a pesquisa qualitativa exploratória se dará pelo aspecto subjetivo deste, que visa o discurso e a vivência pontual. Em caráter científico, este trabalho consiste no entendimento da estética como uma experiência político-social, buscando entender de que formas o design gráfico pode abordar e transformar pautas sociais em visualidades.

## Construção social do gênero e sua relação com a estética

Os estudos na construção social de indivíduos sempre foram muito visados e rodeados pelos estudos da ética e da moral, pois uma sociedade é construída a partir de regras que deveriam garantir a coletividade e a civilização entre pessoas de um mesmo grupo. Contudo, para Adorno (*apud* BUTLER, 2015, p.15) o "éthos coletivo instrumentaliza a violência



para manter sua aparência de coletividade", o que já induz ao pensamento que a ética não é para todos e algumas personalidades estão excluídas nesse processo. O autor ainda afirma que

uma vez que o estado da consciência humana e o estado das forças sociais de produção abandonaram qualidades essas ideias coletivas, essas mesmas ideias adquirem qualidades repressoras e violentas [...] é essa violência e esse mal que colocam os costumes em conflito com a moralidade. (ADORNO *apud* BUTLER, 2015, p.14)

Nesse sentido, pode-se afirmar que os costumes de uma sociedade causam rupturas na moralidade e no pensamento da ética (*éthos*), que acabam não sendo mais coletivos. E, para Butler (2015) essa moralidade imposta não necessariamente é aceita pelo "eu" atingido e deve ser negociada de maneira vital e reflexiva.

No entendimento que um "eu" na sociedade tem uma posição, a partir das colocações de Judith Butler, há uma opinião que emerge, que pode ou não ir de encontro com as ideias de moralidade. Isso se justifica, pois "só tomamos consciência de nós mesmos depois que certos danos são infligidos" (NIETZSCHE *apud* BUTLER, 2015, p. 21), ou seja, um "eu" na sociedade só oprime uma resposta à sociedade quando ele é fragilizado de alguma forma, o que responsabiliza essa sociedade por uma violência ética.

Para Jesus (2012) nossa formação social é sempre carregada em pressupostos impostos a nós, desde a primeira ultrassonografia ou na hora do parto. A autora diz que

crescemos sendo ensinados que "homens são assim e mulheres são assado", porque "é da sua natureza", e costumamos realmente observar isso na sociedade. Entretanto, o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero "adequado". Como as influências sociais não são totalmente visíveis, parece para nós que as diferenças entre homens e mulheres são "naturais", totalmente biológicas, quando, na verdade, boa parte delas é influenciada pelo convívio social. (JESUS, 2012, p. 8)

Essa naturalização do espaço da mulher como pertencente ao espaço do homem deu início a diversos estudos, onde se originou os "estudos em gênero". Contudo, esses estudos partiram do pressuposto que gênero é sinônimo de "mulheres", mas esse entendimento vem sendo a poucas décadas mudado, dando espaço ao que se entendia por gênero masculino, feminino e neutro (SCOTT, 1989).

Dentro do que seria introduzido por Joan Scott, deve-se entender o gênero como uma construção social e que perpassa nossas características biológicas, assim como o sexo. Para Jesus

a sociedade em que vivemos dissemina a crença de que os órgãos genitais definem se uma pessoa é homem ou mulher. Porém, a construção da nossa identificação como homens ou como mulheres não é um fato biológico, é social. Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, **macho**; grandes: óvulos, logo, **fêmea**), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. [...] Há culturas para as quais **não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero.** [grifos meus] (JESUS, 2012, p. 9)

A construção do indivíduo é uma questão de gênero, onde se constará o diálogo entre o seu sexo biológico e sua formação social. Contudo, não se pode entender que o sexo é puramente biológico, pois desde que um embrião se estabelece a cultura já é imposta. Um exemplo é, no Brasil, uma menina desde que é dita como menina, se pressupõe que usará rosa, que terá cabelos compridos e gostará de se maquiar e usar saia, e qualquer expressão fora deste padrão será estranhado. Logo, se a cultura interfere em um aspecto na construção do indivíduo, este se torna um objeto social, ou seja, o sexo não é um elemento apenas biológico (SCOTT, 1989).

Dentro da sociedade, estamos sempre expostos a normativas éticas e morais, as quais estão diretamente ligadas a estética, para Santaella (2008, p. 6) “é a base para a Ética ou ciência da ação ou conduta que da Estética recebe seus primeiros princípios”. Nesse sentido, pode-se afirmar que a estética interfere diretamente nas normativas sociais, logo, a produção de sentidos e a forma como identificamos as outras pessoas também estão ligadas a estética (*ibid.*, 2008).

A forma com que a sociedade reage as ações individuais estão atreladas a forma como essas ações quebram os códigos sociais previamente estipulados, criando uma resistência e, por fim, um atrito (BUTLER, 2015). Logo, se a construção de gênero e as divergências sociais impostas por ela deve-se a um conjunto de normativas sócio-culturais (BUTLER, 2015) e esse conjunto de normativas são originados por influência da estética (SANTAELLA, 2008), a construção de gênero passa a ser diretamente influenciada pela estética.

## **Conclusões e resultados**

O designer formador de opiniões e que se responsabiliza por seu trabalho, socialmente falando, é descrito por diversos autores como "designers cidadãos" do termo inglês *citizen designers*. Para Heller & Vienne, é importante contextualizar o que um bom design é uma boa cidadania (NEVES *in* BRAGA, 2011). Nesse sentido, entende-se o potencial da discussão social atrelada ao design, buscando compreender a sociedade e criar soluções visuais para que tenhamos uma sociedade mais plural.

Afirma-se que a importância de uma causa social ser pensada como um objeto de estudo para o design. Neste artigo, concretizou-se, de maneira breve, a relação entre a estética e o gênero, demonstrando que um estudo estético pode ser feito a partir de uma problemática social. Nesta produção abordou-se o gênero, porém, indaga-se quais as diversas outras possibilidades que o design tem de solucionar problemáticas sociais, e é nesse sentido que esta pesquisa se dá. No entanto, esta pesquisa tem no caráter exploratório e está inconclusa, mas tem o intuito de seguimento e de, futuramente, apresentar soluções visuais atreladas à mesma, utilizando-se do design gráfico como ferramenta de expressão.



## Referências

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidades de gênero**: conceitos e termos. Guia prático sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª ed. Brasília, 2012.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do design**. Tradução de Cristian Borges. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

NEVES, Flávia de Barros. **Contestação gráfica: engajamento político-social por meio do design gráfico**. In: BRAGA, Marcos da Costa. *O papel social do Design Gráfico*. São Paulo: Ed. Senac, 2011. p. 45-63.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008. Disponível em <<http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/semiotica.pdf>>. Acesso em 03 de abril de 2017.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Tradução de Christine Rufino Debat e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.